

o ocidente
uma nova história de
um conceito milenar
naoíse mac sweeney

Tradução de Carlos Pereira Martins

Para Gianni e Valentino

—= ÍNDICE =—

Nota da Autora ♦ 11

INTRODUÇÃO ♦ 13

A Importância das Origens

CAPÍTULO UM ♦ 23

A Rejeição da Pureza: Heródoto

CAPÍTULO DOIS ♦ 43

Os Europeus Asiáticos: Lívila

CAPÍTULO TRÊS ♦ 57

Os Herdeiros Globais da Antiguidade: Alquindi

CAPÍTULO QUATRO ♦ 75

Os Europeus Asiáticos Novamente: Godofredo de Viterbo

CAPÍTULO CINCO ♦ 93

A Ilusão da Cristandade: Teodoro Láscaris

CAPÍTULO SEIS ♦ 109

A Reinvenção da Antiguidade: Tullia d'Aragona

CAPÍTULO SETE ♦ 129

O Caminho Não Trilhado: Safiye Sultan

CAPÍTULO OITO ♦ 149

O Ocidente e o Conhecimento: Francis Bacon

CAPÍTULO NOVE ♦ 167

O Ocidente e o Império: Njinga de Angola

CAPÍTULO DEZ ♦ 187

O Ocidente e a Política: Joseph Warren

CAPÍTULO ONZE ♦ 207

O Ocidente e a Raça: Phillis Wheatley

CAPÍTULO DOZE ♦ 223

O Ocidente e a Modernidade: William Ewart Gladstone

CAPÍTULO TREZE ♦ 243

O Ocidente e os Seus Críticos: Edward Said

CAPÍTULO CATORZE ♦ 261

O Ocidente e os Seus Rivals: Carrie Lam

CONCLUSÃO ♦ 285

A Configuração da História

Agradecimentos ♦ 293

Leituras Recomendadas ♦ 295

Lista de Imagens ♦ 299

Bibliografia ♦ 301

Notas ♦ 321

—≡ NOTA DA AUTORA ≡—

Optei por colocar o termo «Civilização Ocidental» em letras maiúsculas, ao longo deste livro, para enfatizar que se trata de uma construção abstrata inventada, ao invés de um termo descritivo neutro. De igual modo, também optei por colocar «o Ocidente» e «Ocidental» em letras maiúsculas quando estas palavras se referem a conceitos político-culturais abstratos que carregam conotações de cultura e civilização, ao invés de servirem como descrições puramente geográficas. Seguindo a mesma lógica, quando utilizo descrições puramente geográficas, usei letras minúsculas para o fazer. Por exemplo, ao referir a parte central do continente europeu, usei «Europa central» ao invés de «Europa Central».¹ Mantive, contudo, o habitual uso de letras maiúsculas para os nomes dos continentes.

Segui um princípio semelhante para a terminologia racial. Termos como «Negro» ou «Amarelo» são colocados em letras maiúsculas para frisar que estas categorizações são construções abstratas inventadas, ao invés de termos descritivos neutros. Letras minúsculas são usadas quando os termos referentes a cores são empregues de maneira puramente descritiva.

Este livro aborda assuntos de diversos períodos da história humana, e de muitas culturas e sociedades diferentes. Ao escrever algumas das suas partes, baseei-me fortemente, portanto, em literatura secundária para a minha investigação. Fiz o melhor que pude para pesquisar a orientação de peritos no tema, na região e na época, ao lidar com áreas que vão além da minha especialização específica. Não obstante, é improvável que todas as secções deste livro sejam tão precisas, detalhadas ou subtis como se tivessem sido escritas por especialistas de cada uma das áreas, e previno que podem conter alguns

erros factuais e de interpretação. Acredito, contudo, que trabalhos como este livro, que visa oferecer uma visão sintética abrangente de um tópico, têm valor. Ao afastar uma imagem para vermos o panorama geral, é inevitável que, em alguns pontos, percamos detalhes e resolução, mas há ocasiões em que o panorama geral é, ainda assim, importante.

A IMPORTÂNCIA DAS ORIGENS

As origens importam. Quando colocamos a questão «De onde vens?», o que muitas vezes estamos verdadeiramente a perguntar é «Quem és?». Isto é verdade para indivíduos, famílias e países inteiros. Também é verdade para uma entidade tão grande e complexa como o Ocidente.

Esta interseção entre as origens e a identidade está no cerne das guerras culturais que atualmente abalam o Ocidente. A última década testemunhou a polarização tóxica do discurso político, o derrube de estátuas e a deterioração de eleições por chefes de Estado em exercício. A crise de identidade no Ocidente é, em larga medida, uma resposta a padrões globais mais amplos. O mundo está a mudar, e os alicerces do domínio Ocidental estão a ser abalados. Neste momento histórico temos a oportunidade de repensar radicalmente o Ocidente e reconstruí-lo para um futuro melhor. Mas apenas poderemos fazê-lo se estivermos dispostos a confrontar o seu passado. Só respondendo à questão de onde vem o Ocidente poderemos responder à questão sobre o que o Ocidente poderia e deveria ser.

O termo «o Ocidente» pode referir um alinhamento geopolítico ou uma comunidade cultural, geralmente designando um conjunto de estados-nação modernos que partilham características culturais e princípios económicos. Entre eles encontram-se os ideais da democracia representativa e do capitalismo de mercado, um Estado teoricamente secular sobrejacente a um substrato moral judaico-cristão, e uma tendência psicológica para o individualismo.² Nenhum elemento nesta lista é exclusivo do Ocidente ou universal dentro dele, mas a ocorrência regular de todos ou da maioria destes atributos é, ainda assim, característica. O mesmo pode ser dito de muitos dos símbolos mais

clichés da ocidentalização — champanhe e *Coca-Cola*, casas de ópera e centros comerciais. Contudo, uma característica particular que define o Ocidente é a noção de uma origem comum que resulta em uma história, um património e uma identidade compartilhadas.

O mito de origem do Ocidente imagina a história Ocidental a desenrolar-se ininterruptamente no tempo através da modernidade Atlântica e do Iluminismo Europeu; retrocedendo através do esplendor do Renascimento e das trevas da Idade Média; recuando, por fim, até à sua origem nos mundos clássicos de Roma e da Grécia. Esta tornou-se na versão padronizada da história Ocidental, tanto canónica quanto *cliché*. Porém, ela está errada. É uma versão da história Ocidental ao mesmo tempo factualmente incorreta e ideologicamente orientada — uma grande narrativa que constrói a história Ocidental como um fio singular e ininterrupto desde Platão até à NATO,³ e que é geralmente referida pelo termo abreviado e prático de «Civilização Ocidental».

Para evitar confusões, refiro que este não é um livro sobre a ascensão do Ocidente como entidade cultural ou política. Já existem muitos livros sobre esse assunto, oferecendo uma variedade de explicações sobre como o Ocidente alcançou o domínio global.⁴ Em vez disso, este livro traça o surgimento de uma versão específica da história Ocidental, agora tão amplamente perpetuada e tão enraizada que é frequentemente aceite acriticamente, mas que é ao mesmo tempo moralmente problemática e factualmente incorreta. Este livro destrinça e desfaz a grande narrativa conhecida como «Civilização Ocidental».

Esta versão da história Ocidental — a grande narrativa da Civilização Ocidental — está por toda a parte. Lembro-me de quando verdadeiramente tomei consciência do quão profundamente enraizada ela se encontrava. Estava na sala de leitura da Biblioteca do Congresso em Washington. Olhando por acaso para o teto percebi desconfortavelmente que estava a ser observada, não pelos sempre vigilantes bibliotecários, mas pelas dezasseis estátuas de bronze em tamanho real que se erguem na galeria sob a cúpula dourada. Da antiguidade havia Moisés, Homero, Sólon, Heródoto, Platão e São Paulo. Do velho mundo da Europa havia Colombo, Miguel Ângelo, Bacon, Shakespeare, Newton, Beethoven e o historiador Edward Gibbon. E do Novo Mundo da América do Norte havia o jurista James Kent, o engenheiro Robert Fulton e o cientista Joseph Henry. Percebi naquele instante que toda a disposição da sala (não apenas as estátuas, como também os murais que decoravam as paredes e até a organização das estantes) foi projetada para enfatizar algo: que nós, nas secretárias, fazíamos parte de uma tradição intelectual e cultural que

remontava a milénios. E os nossos antecessores nessa tradição estavam literalmente a observar-nos, talvez a encorajar-nos, talvez a julgar-nos, enquanto trabalhávamos.⁵

Ocorreram-me dois pensamentos incómodos. O primeiro pensamento instintivo era que eu estava fora de lugar. Senti que alguém como eu (mulher, mestiça) não pertencia a uma tradição normalmente imaginada em termos de homens brancos da elite. Rapidamente descartei esta ideia como ridícula (afinal eu estava sentada, naquele preciso momento, num lugar privilegiado, a uma mesa de leitura), mas fui então atingida por uma preocupação muito mais séria. Será que essas dezasseis figuras representavam verdadeiramente o passado do Ocidente? A narrativa que as interligava era uma representação precisa da história Ocidental?

A narrativa padronizada da Civilização Ocidental é tão onnipresente que a maioria de nós raramente se detém para pensar nela, e menos ainda para a questionar. De facto, apesar de ela estar a ser cada vez mais (e com sucesso) desafiada, esta narrativa ainda nos cerca. Encontramo-la em manuais escolares e obras de história popular que, quando se propõem a explicar a história do Ocidente, geralmente começam «com os gregos e os romanos, atravessam a Idade Média europeia, focam-se na era das explorações e conquistas europeias, e analisam-na de perto no mundo moderno».⁶ A linguagem usada para a Civilização Ocidental nessas obras está geralmente recheada de metáforas genealógicas, que a descrevem em termos de «legado», «evolução» e «ancestralidade».⁷ Ouvimos repetidamente que «a civilização ocidental é algo que herdámos dos antigos gregos, dos romanos e da Igreja cristã, através do Renascimento, da revolução científica e do Iluminismo».⁸ Esta ideia da Civilização Ocidental como uma herança cultural linear é-nos incutida desde tenra idade. Uma série influente de livros infantis prefacia as suas aventuras mágicas, descrevendo a Civilização Ocidental como «uma força viva... um fogo» que começou primeiro na Grécia, passou daí para Roma e aterrou na Alemanha, em França e em Espanha antes de repousar por vários séculos em Inglaterra, estabelecendo-se por fim nos Estados Unidos da América.⁹ As origens importam, e o lugar onde afirmamos que o Ocidente teve origem é uma forma de caracterizar o que o Ocidente fundamentalmente é.

A genealogia cultural imaginada do Ocidente é invocada explicitamente nos discursos de políticos populistas, na retórica de jornalistas e na análise de comentadores. Está subjacente aos símbolos e ao vocabulário utilizados por pessoas de todo o espectro político. Entre estes é muitas vezes colocada uma ênfase particular na antiguidade greco-romana como berço do Ocidente, e alusões à Grécia e à Roma antigas são frequentes na retórica política

contemporânea. Quando uma multidão invadiu o edifício do Capitólio dos EUA, a 6 de janeiro de 2021, alegando defender os valores Ocidentais, carregava bandeiras adornadas com frases em grego antigo e cartazes que retratavam o ex-presidente Donald Trump como Júlio César, enquanto alguns usavam réplicas de capacetes gregos antigos, e outros até se vestiam com trajes militares romanos completos.¹⁰ Quando a União Europeia lançou uma iniciativa para lidar com a imigração irregular e o fluxo de refugiados, em 2014, decidiu dar-lhe o nome «Operation Mos Maiorum», numa referência às tradições da Roma antiga.¹¹ E quando Osama bin Laden proclamou uma guerra santa contra o Ocidente, em 2004, instou os muçulmanos a «resistir à nova Roma». ¹² Contudo, esta narrativa da Civilização Ocidental não é apenas contada em obras históricas e invocada em contextos políticos. Também está por todo o lado, faz parte do tecido das nossas vidas quotidianas. Vemo-la a desenrolar-se em filmes e na televisão, codificada nas escolhas de diretores de elenco, figurinistas e compositores de bandas sonoras. Encontramo-la consagrada em pedra, não apenas na Biblioteca do Congresso como também na arquitetura neoclássica de capitais imperiais e edifícios coloniais ao redor do mundo.¹³ Está tão disseminada que a maior parte de nós simplesmente a dá como garantida. Mas será que é verdadeira?

Estes eram os pensamentos que corriam pela minha cabeça naquela tarde chuvosa em Washington. Naquela altura, eu tinha passado a maior parte de duas décadas a estudar precisamente as origens imaginadas do Ocidente, nas quais está investida grande parte da identidade Ocidental. O meu foco particular de pesquisa era a forma como as pessoas no mundo grego antigo entendiam as suas próprias origens, investigando as genealogias míticas que elas construíram, os cultos ancestrais em que veneravam e as histórias que contavam sobre migrações e fundações. Embora me sentisse (e, na verdade, ainda me sinto) privilegiada por estar na minha profissão, naquele momento eu estava profundamente desconfortável. Percebi que era cúmplice na manutenção de um artifício intelectual que era ideológica e factualmente duvidoso — a grande narrativa da Civilização Ocidental. A partir daquele momento comecei a redirecionar os métodos de análise que havia utilizado para explorar identidades e origens na antiguidade, e a aplicá-los ao mundo moderno ao meu redor. Este livro é o resultado.

Ele defende dois principais argumentos. O primeiro é que a grande narrativa da Civilização Ocidental é factualmente incorreta. O Ocidente moderno não tem uma origem clara e simples na antiguidade clássica e não se desenvolveu através de uma linhagem ininterrupta e singular a partir de então, passando pela cristandade medieval, pelo Renascimento e pelo Iluminismo até

à modernidade. A identidade e a cultura Ocidentais não foram transmitidas como uma «pepita de ouro», como descreveu o académico e filósofo Anthony Appiah, ao longo dessa linha.¹⁴ Os problemas com esta grande narrativa foram pela primeira vez identificados há mais de um século, e as evidências contra ela são atualmente esmagadoras. Hoje, todos os historiadores e arqueólogos sérios reconhecem que a fertilização cruzada das culturas «Ocidentais» e «não Ocidentais» ocorreu ao longo da história humana, e que o Ocidente moderno deve grande parte do seu ADN cultural a uma ampla gama de antecessores não europeus e não brancos.¹⁵ No entanto, a natureza e os matizes destas interações culturais ainda não foram totalmente destrinchados, e o formato de uma nova grande narrativa para substituir a da Civilização Ocidental ainda está por surgir. Contribuir para esse trabalho foi parte da minha motivação para escrever este livro. O restante da minha motivação adveio da reflexão acerca do facto inquietante de que todas as evidências históricas acumuladas e todo o consenso académico contra a grande narrativa da Civilização Ocidental tiveram relativamente pouco impacto na consciência pública mais ampla. A narrativa continua omnipresente na cultura Ocidental contemporânea. Porque é que nós (isto é, as sociedades Ocidentais, de um modo geral) ainda nos apegamos tão obstinadamente a uma visão da história que foi tão amplamente desacreditada?

O segundo argumento principal deste livro é que a invenção, a popularização e a longevidade da grande narrativa da Civilização Ocidental derivam da sua utilidade ideológica. A narrativa existe — e continua a existir hoje, muito depois de a sua base factual ter sido completamente refutada — porque serve um propósito. Como estrutura conceptual, ela forneceu uma justificação para a expansão e o imperialismo Ocidentais, bem como para sistemas de dominação racial Branca ainda existentes. Isto não significa que a grande narrativa da Civilização Ocidental seja a criação de algum génio do mal, cínicamente planeando engendrar uma visão falsa da história para promover a sua causa. Muito pelo contrário. Em vez disso, a construção desta história foi feita de forma fragmentada e aleatória, devendo tanto à serendipidade quanto ao cálculo. É uma grande narrativa composta por muitas micronarrativas, interligadas e entrelaçadas, que foram utilizadas separadamente ao serviço de objetivos políticos específicos. Elas incluem a ideia da Atenas clássica como um farol da democracia, usada como uma carta de fundação para a moderna democracia Ocidental;¹⁶ a ideia da «europeidade» fundamental dos antigos romanos como base para o património europeu compartilhado;¹⁷ e o mito das Cruzadas como um simples choque de civilizações entre a Cristandade e o Islão, justificando a jihad anti-Ocidental, de um do lado, e a «Guerra ao

Terror», do outro.¹⁸ A utilidade ideológica destas micronarrativas individuais, e de outras semelhantes, está bem documentada; cada uma delas foi contada porque se adequa às expectativas e ideais de um narrador específico. Individualmente, estas histórias são variadas e fascinantes, e espero que os leitores apreciem explorar alguma da sua diversidade deslumbrante nas páginas deste livro. Coletivamente, contudo, elas compõem a grande narrativa da Civilização Ocidental e servem como mito de origem do Ocidente.¹⁹

O Ocidente não é, naturalmente, a única entidade sociopolítica que construiu retrospectivamente uma narrativa do seu passado que se adequa às suas necessidades e autoimagem no presente. A reinvenção politizada da história é, na verdade, uma prática bastante comum e tem ocorrido desde que começou a ser escrita (e provavelmente até muito antes disso, através de histórias orais e narrativas comunitárias). Dizia-se que em Atenas, no século VI a. C., foram adicionados versos à *Ilíada* homérica para sugerir que Atenas havia controlado a ilha de Egina na era dos heróis. Sem surpresa, estes versos foram inseridos precisamente no momento em que Atenas procurava controlar Egina.²⁰ Mais recentemente, depois de o estado-nação moderno da Turquia ter sido proclamado em 1923, um complexo programa histórico e arqueológico, conhecido como «A Tese da História Turca», foi colocado em prática para fortalecer a identificação entre a «turquicidade» e o território da Anatólia.²¹ Mais recentemente ainda, sob a liderança de Xi Jinping, uma nova narrativa oficial sobre o papel da China na Segunda Guerra Mundial tem sido promovida de forma agressiva, de uma maneira que pode ser preocupante ou animadora, dependendo do nosso ponto de vista.²² E em julho de 2021, quando o exército russo se concentrava na fronteira ucraniana em preparação para uma invasão militar, o presidente da Rússia publicou um tratado a defender a unidade histórica dos povos russo e ucraniano.

Não é preciso ser-se malicioso ou desonesto para se querer reescrever a história de acordo com uma agenda política própria, nem é necessário falsificar-se a história para o fazer. Reescrever o passado pode também assumir a forma de escolher incluir factos que anteriormente foram excluídos de uma narrativa convencional. Em 2020, o National Trust na Grã-Bretanha publicou um relatório sobre as conexões entre o colonialismo, a escravatura e os edifícios históricos ao cuidado do Trust, acentuando ainda mais as tensões num debate nacional já de si acalorado sobre o passado imperial da Grã-Bretanha.²³ De um lado, alguns argumentam que as histórias desconfortáveis do colonialismo, da escravatura e da exploração devem ser mais proeminentes nos currículos escolares e como parte da informação pública disponível em museus e noutros locais de património. Embora estes argumentos sejam motivados por

factos históricos, eles também são fundamentalmente políticos, sustentados em princípios políticos e impulsionados por uma agenda política que reivindica uma maior justiça social e o reconhecimento de injustiças históricas. O argumento oposto — de que estes tópicos desconfortáveis não devem receber mais proeminência, e que a ênfase deve ser antes colocada em temas positivos — também é impulsionado por uma agenda política, embora defenda a manutenção do *statu quo*.

Este debate demonstra dois factos importantes. O primeiro é que toda a história é política. Escolher reescrever, reconsiderar ou rever a história oficial é um ato político. Mas, de igual modo, escolher *não* a reescrever é também um ato político. O segundo é que os factos históricos em si mesmos nem sempre estão em disputa. Em vez disso, o debate pode focar-se em *quais* factos devem ser enfatizados, onde e quando. Refletindo nestes dois pontos, temos de concluir que nada há de intrinsecamente errado em escrever a história de um ponto de vista político. Na verdade, esta é a *única* forma de escrever a história! Mas há um problema se a história que se escreve contradisser os factos disponíveis.

Este é um dos grandes problemas com a grande narrativa da Civilização Ocidental. A sua base probatória há muito se desmoronou, e, embora elementos individuais possam ser retidos, a narrativa geral já não é consistente com os factos tal como os conhecemos. No entanto, alguns no Ocidente ainda se apegam a esta grande narrativa pelo seu valor ideológico. Isto leva-nos ao segundo dos grandes problemas da grande narrativa da Civilização Ocidental: a ideologia que lhe está subjacente já não reflete os princípios do Ocidente moderno. As ideologias orientadoras da sociedade Ocidental em meados do século XXI são diferentes das de meados do século XIX, quando a grande narrativa estava no seu zénite, e das de meados do século XVIII, quando a narrativa estava a surgir. Para muitas pessoas no Ocidente nos dias de hoje, as ideias de superioridade racial Branca e imperialismo já não estão no cerne da identidade Ocidental. Em vez disso, elas foram substituídas por uma ideologia baseada no liberalismo, na tolerância social e na democracia. (Também há um número significativo de pessoas no Ocidente que discorda, e que preferiria regressar para o modelo de identidade Ocidental do século XIX, mas falarei sobre elas com mais detalhes na conclusão.)

Temos de nos livrar da grande narrativa da Civilização Ocidental, pondo-a firmemente de lado como factualmente incorreta e ideologicamente desatualizada. É um mito de origem que já não serve o seu propósito — não fornece nem um relato preciso da história Ocidental, nem uma base ideologicamente aceitável para a identidade Ocidental. O meu objetivo neste livro é,

portanto, abordar a grande narrativa da Civilização Ocidental, destrinchando primeiro as micronarrativas que a compõem, e depois desfazendo a bagagem ideológica que repousa sobre ela.

Dado que o seu assunto é uma abstração (embora extremamente poderosa e significativa), um livro como este poderia facilmente ficar preso nos domínios do teórico. Para evitar isto, baseei a minha narrativa na vida de catorze figuras históricas reais. Algumas poderão ser nomes familiares, outras menos. Porém, do poeta escravizado ao imperador exilado, e do monge diplomático ao burocrata acossado, as suas histórias dão novos contornos à história Ocidental. Em cada capítulo não ofereço apenas a história de uma vida humana marcante, mas também um relato dos tempos e lugares em que cada um dos indivíduos viveu, contextualizando-os em relação a outras figuras importantes da sua época.

A primeira metade do livro aborda as inexatidões históricas da Civilização Ocidental enquanto grande narrativa, desmistificando a fantasia de uma linhagem cultural pura e ininterrupta ao examinar as suas pretensas origens. As duas primeiras vidas surgem do mundo clássico, que se presume ser o berço do Ocidente, e demonstram que nem os antigos gregos nem os romanos se viam como participantes de uma identidade exclusivamente Ocidental ou Europeia (Capítulos 1 e 2). As três biografias seguintes advêm da pretensa «Idade das Trevas» do período medieval, exemplificando como os legados dos gregos e dos romanos foram adotados, rejeitados ou reinventados nos contextos islâmico, centro-europeu e bizantino, respetivamente (Capítulos 3, 4 e 5). As duas últimas vidas nesta secção levam-nos até ao Renascimento e ao início do período moderno, nos quais linhas civilizacionais foram traçadas de formas variadas e conflituantes — dividindo o continente europeu e a entidade mais alargada da cristandade de uma maneira que nega a ideia de um Ocidente coerente (Capítulos 6 e 7).

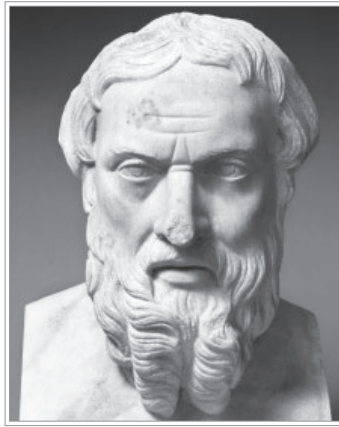
A segunda metade do livro analisa como a Civilização Ocidental funcionou como uma ferramenta ideológica e traça o seu surgimento e desenvolvimento na grande narrativa que se tornou tão familiar nos dias de hoje. Nesta metade, os primeiros três capítulos exploram como, nos séculos XVI e XVII, as ideias em mutação sobre religião e ciência, expansionismo global e imperialismo, e o contrato político, contribuíram para o surgimento gradual da ideia de Civilização Ocidental (Capítulos 8, 9 e 10). O par de biografias que se segue capta a forma como a ideia de Civilização Ocidental se desenvolveu até à sua forma amadurecida, fornecendo uma âncora para o imperialismo Ocidental e para sistemas generalizados de dominância racial (Capítulos 11 e 12). O último par de biografias exemplifica os dois principais desafios atualmente

dirigidos ao Ocidente e à Civilização Ocidental — o dos críticos internos e o dos rivais externos —, demonstrando as realidades em mudança do mundo em que vivemos, e a necessidade urgente de uma revisão completa da identidade fundamental do Ocidente e do seu mito de origem da Civilização Ocidental (Capítulos 13 e 14).

Estas catorze vidas são o meu equivalente das estátuas de bronze que tanto me desconcertaram na Biblioteca do Congresso. Contudo, ao contrário daquele conjunto específico de antepassados imaginados, os indivíduos cujas vidas relato neste livro não foram selecionados como os mais importantes ou influentes da sua época. Não alego apresentar neste livro uma «galeria dos grandes». Em vez disso, os meus catorze objetos de estudo são todos indivíduos em cujas vidas e obras podemos ver algo do *zeitgeist*, através de cujas experiências, ações e escritos podemos discernir ideias em evolução sobre herança civilizacional e genealogias culturais imaginadas. É claro que estas não são as únicas vidas em que eu poderia ter escolhido concentrar-me neste livro, e estou segura de que cada um de vocês escolheria de forma diferente, se embarcassem num projeto semelhante. Elas servem, não obstante, para defender o meu argumento. Demonstram que a grande narrativa da Civilização Ocidental é manifestamente falsa e ideologicamente fracassada. Ilustram, à escala do ser humano individual, o motivo de termos de descartar esta grande narrativa de uma vez por todas. E sugerem um conjunto mais rico e diversificado de linhagens históricas, nas quais devemos procurar uma nova versão da história Ocidental para substituí-la.

—≡ Capítulo Um ≡—
A REJEIÇÃO DA PUREZA

HERÓDOTO



*É absolutamente claro que a mulher Europa
era oriunda da Ásia, e que ela nunca pisou
as terras que são chamadas «Europa» pelos gregos.*

HERÓDOTO (FINAL DO SÉCULO V A. C.)²⁴

Um migrante está de pé na praia. Ele fita o mar, a mente, bem como o olhar, estendendo-se em direção à sua terra natal, situada a um continente e a uma vida de distância. Ele deu os primeiros passos no exílio anos antes, navegando para longe da costa acidentada da Turquia num barco superlotado. Havia fugido das perseguições de um tirano e da fúria de uma multidão fundamentalista, com a esperança de um novo futuro radioso na cidade mais movimentada e cosmopolita da Europa. Mas, quando finalmente chegou à grande metrópole, os seus sonhos rapidamente azedaram. Onde antes esperara o sucesso, encontrou a desconfiança, e onde imaginara oportunidades, encontrou restrições. Mais tarde, quando o governo começou

a cultivar um ambiente hostil para os migrantes e instituiu novas leis de cidadania draconianas, ele partiu. E ei-lo aqui agora — noutra praia estrangeira, em busca de um novo começo. Talvez desta vez ele encontre aquilo que procura.

Esta história poderia pertencer a inúmeros migrantes do século XXI, mas neste caso pertence à primeira das catorze vidas deste livro — a do antigo historiador grego Heródoto. Obviamente, apenas podemos especular (como fiz aqui) sobre como Heródoto se sentiu quando chegou às costas do sul de Itália. Na verdade, sabemos relativamente pouco sobre a vida do homem agora amplamente considerado como o «Pai da História». Nascido no início do século V a. C. em Halicarnasso (agora Bodrum, na Turquia), ele trabalhou por algum tempo em Atenas antes de passar os anos finais da sua vida na pequena cidade de Túrio, no Golfo de Tarento. E foi aqui, duas vezes deslocado e duas vezes realojado, que ele escreveu a sua obra-prima, as *Histórias*.

As *Histórias* são amplamente consideradas como a mais antiga obra de escrita histórica da tradição Ocidental. Na parte central do livro, Heródoto conta como, nos anos entre 499 e 470 a. C. (embora ele se foque sobretudo no período de 499–479 a. C.), uma aliança de estados gregos combateu os exércitos invasores do Império Persa aqueménida. Os persas tinham números, recursos e organização superiores, e controlavam um vasto império que se estendia da moderna Bulgária ao Afeganistão, e do Egito ao Mar Negro. Em contraste, havia centenas de pequenas comunidades independentes que se consideravam (em maior ou menor grau) como gregas, batalhando incessantemente entre si e sobrevivendo às dificuldades nos seus territórios separados. Porém, contra todas as expectativas, os gregos triunfaram e repeliram com sucesso os invasores persas. É uma história que cativou as imaginações ao longo de três milénios e que permanece enormemente popular nos nossos dias.²⁵

Uma das razões por trás da popularidade duradoura das *Histórias* é a sua importância para a história imaginada do Ocidente. Para muitas pessoas, forneceu uma carta de fundação para a Civilização Ocidental, oferecendo um precedente antigo para a ideia moderna do «choque de civilizações». As linhas de abertura do prólogo certamente parecem encaixar-se neste guião. Heródoto inicia as *Histórias* afirmando explicitamente que o seu objetivo é registar os grandes feitos dos helenos e dos bárbaros (referindo-se aos não gregos). Isto implica imediatamente uma oposição binária entre os dois lados — gregos e bárbaros, Europa e Ásia, Ocidente e Oriente (ou, talvez com mais precisão, o Ocidente e o Resto). Heródoto passa então a dar-nos uma crónica de fundo, penetrando numa história muito mais antiga para definir o cenário do conflito. Tudo começou, diz-nos ele, quando mercadores fenícios sequestraram

uma princesa da cidade grega de Argos. Os gregos responderam, raptando uma princesa fenícia, levando a um ciclo de violações intercontinentais que culminaram no sequestro de Helena de Esparta, o que levou à Guerra de Troia. A subsequente destruição de Troia, de acordo com Heródoto, foi uma escalada desproporcional e foi isto, afirma ele, que verdadeiramente levou os asiáticos a oporem-se aos gregos (Hdt 1:5).

O prólogo de Heródoto parece uma versão precoce da narrativa da Civilização Ocidental. Os dois ingredientes fundamentais estão lá. Primeiro, temos dois lados implacavelmente opostos: a Grécia (leia-se, «o Ocidente») e a Ásia (leia-se, «o Resto»). Depois temos o presente histórico a ser projetado no passado — os persas confundindo-se com os troianos míticos, e os gregos equiparados aos aqueus que saquearam Troia. Heródoto parece dar-nos não apenas um relato antigo do «choque de civilizações», como também uma formulação precoce da genealogia cultural do Ocidente. Pelo menos, é isto que ele *parece* dar-nos.

Muitos leitores foram influenciados por esta interpretação superficial de Heródoto. Quando Samuel Huntington escreveu o seu *bestseller* controverso, *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, definiu as características fundamentais de uma civilização com referência a Heródoto.²⁶ De acordo com o cientista político Anthony Pagden, o tema de Heródoto nas *Histórias* era a «inimizade perpétua entre a Europa e a Ásia».²⁷ E quando Zack Snyder lançou o seu filme *300*, em 2007, gerou controvérsia ao retratar os espartanos de Heródoto como europeus de pele branca e amantes da liberdade, e os persas como asiáticos e africanos caracterizados pela degeneração moral e pela deformidade física.

Que Heródoto tenha sido mal interpretado é compreensível. Há, de facto, muitas partes do texto que sugerem uma narrativa do tipo «choque de civilizações». Mas também há muitas partes do texto que sugerem o oposto. Se lermos Heródoto com atenção, descobrimos que ele introduz a ideia do choque de civilizações apenas para a subverter. Descobrimos que Heródoto não dividia o mundo entre o Ocidente e o Resto, nem entendia a história como uma repetição interminável do mesmo eterno conflito. Em suma, Heródoto não inventou uma versão precoce da narrativa da Civilização Ocidental, nem se via e aos gregos como membros de um grupo geocultural comparável ao Ocidente moderno. Ao invés, toda a sua obra aponta na direção oposta. É uma das ironias da história que, dois milénios e meio depois da sua morte, Heródoto tenha sido tão frequentemente utilizado para promover a mesmíssima ideologia do «nós vs. eles» que ele tentou desacreditar.

PAI DA HISTÓRIA, PAI DAS MENTIRAS

Embora por vezes o conheçamos como «Pai da História», Heródoto não foi o primeiro historiador.²⁸ A historiografia da Mesopotâmia antecede-o em mais de um milénio, e as primeiras obras históricas em grego antigo apareceram quase duzentos anos antes de ele ter nascido.²⁹ Mas, embora Heródoto não tenha inventado a história, fez sem dúvida um bom trabalho a reinventá-la. Focou-se menos na narração de eventos sequenciais e mais nos padrões de causalidade histórica, mudando a ênfase de «o quê» para o «porquê».³⁰

As *Histórias* também oferecem, obviamente, um relato do que aconteceu nas guerras greco-persas, detalhando vários eventos e episódios do conflito. Em linhas gerais, a história é a seguinte: os combates eclodiram com a revolta jónica em 499 a. C., uma rebelião contra o Império Persa, liderada pelas cidades gregas jónicas da Ásia Menor e apoiada pelos atenienses (bem como por outras cidades-estado no Egeu). A rebelião acabou por ser esmagada e os persas começaram a voltar-se para oeste. Quando o rei persa Dário lançou uma invasão da Grécia peninsular, em 492 a. C., foi derrotado por uma força liderada por atenienses na Batalha de Maratona. Havendo revoltas noutras partes do império, passou-se uma década inteira antes de a segunda invasão persa da Grécia ser lançada, em 480 a. C., desta vez sob o comando do filho de Dário, Xerxes. Quando marchava pela península grega, o exército de Xerxes foi brevemente contido nas Termópilas, onde trezentos espartanos notavelmente fizeram a sua última resistência. Mas os persas acabaram por chegar a Atenas e saquearam-na, matando muitos dos seus habitantes e levando os seus maiores tesouros. Então, numa reviravolta surpreendente, os persas sofreram uma dupla derrota catastrófica — primeiro no mar, na Batalha de Salamina, e depois em terra, na Batalha de Plateias. Com as suas forças em desordem e as ruínas de Atenas em chamas atrás de si, decidiram limitar as suas perdas e regressarem a casa.

Porque foi que tudo isto terminou desta forma? Para abordar esta questão traiçoeira, Heródoto deu por si a ampliar cada vez mais a sua visão, abrindo uma perspetiva cada vez mais ampla e colocando os eventos num contexto cada vez mais vasto. Não se pode verdadeiramente compreender por que razão a Pérsia saqueou Atenas, raciocinou ele, a menos que se avalie a história de fundo das relações diplomáticas perso-atenienses. E não se pode avaliar completamente a história de fundo das relações diplomáticas perso-atenienses a menos que se saiba algo sobre as estruturas políticas internas dos dois

estados. E não se pode verdadeiramente entender as estruturas políticas internas de qualquer estado sem se ter uma ideia da história desse estado, do seu desenvolvimento e, em última análise, das suas origens. Como se poderá imaginar, as gavinhas da explicação herodotiana vão estar sempre a expandir-se.

Como resultado, as *Histórias* oferecem-nos não só um relato das guerras greco-persas, como também as ideias de Heródoto sobre a história persa (embora algumas delas se baseiem, evidentemente, tanto em conjeturas como em evidências sólidas), incluindo a fundação do império e uma explicação da sua administração. A narrativa também se desdobra em vívidas descrições etnográficas da cultura e sociedade persas, bem como em biografias individuais e estudos do carácter de figuras-chave da história persa. Heródoto oferece este nível rico de detalhes não só para os persas, como também para os muitos povos que viviam no Império Persa, desde os egípcios no sul, até aos citas no norte, e desde os indianos no leste até aos gregos no oeste. O tratamento dos gregos por parte de Heródoto é, obviamente, um pouco diferente do dado a outros grupos. Escrevendo em grego para um público principalmente grego, Heródoto não precisava de explicar o essencial da cultura e dos costumes gregos. Mas contou as histórias individuais de vários estados gregos, discutindo as suas trajetórias únicas de desenvolvimento e destacando os seus caracteres particulares.

Este foco no «porquê» levou a que as suas *Histórias* fossem ao mesmo tempo amplas em desígnio (abrangendo o seu conteúdo muitas centenas de anos e milhares de quilómetros) e ricas em detalhes (com pequenas histórias que vão desde a vida sexual de reis aos infortúnios marítimos de pescadores). Assim, embora Heródoto narre ostensivamente a história das guerras greco-persas, ao contá-la brinda-nos com um banquete de iguarias historiográficas, incluindo a exposição etnográfica (sabiam que os citas só enterravam os seus reis depois de os envolverem em cera?)³¹ e o debate filosófico (como quando os persas discutiram a melhor forma de governo — curiosamente, acabaram por decidir-se pela monarquia, *votando* nela!),³² a teorização geográfica (Heródoto mergulhou, tanto literal como figurativamente, no debate sobre a nascente do rio Nilo)³³ e o jornalismo de investigação (graças a uma fonte anónima, ficamos a saber de mensagens secretas transmitidas através de tatuagens ocultas).³⁴

A riqueza e a variedade das *Histórias* levaram — talvez inevitavelmente — à segunda das alcunhas de Heródoto. Embora Cícero, escrevendo cerca de quatro séculos depois da morte de Heródoto, lhe tenha chamado «Pai da História», cerca de dois séculos ainda mais tarde Plutarco apelidou-o de «Pai das Mentiras».³⁵ Plutarco julgava que as histórias de Heródoto eram

simplesmente demasiado fantasiosas, extravagantes e despudoradamente lúdicas para serem verdadeiras. Neste ponto, Plutarco tem parcialmente razão. Algumas das histórias de Heródoto são sem dúvida inverosímeis — tal como o conto das formigas que cavam ouro na Índia, ou o rumor de que alguns habitantes do Sara tinham cabeça de cão.³⁶ Outras histórias que soam estranhas podem ter começado originalmente como mal-entendidos culturais. Um provável candidato é a história de que os citas ordenham as suas éguas ao soprar para dentro das suas vaginas com flautas de osso; outro é a ideia de que as mulheres babilónicas serviam todas como prostitutas no templo pelo menos uma vez na vida.³⁷ Mas o próprio Heródoto sabia que nem todos os seus contos eram factualmente exatos. Ele frequentemente antecedia as suas histórias mais fantasiosas com desmentidos elaborados, não as apresentando na sua voz de autor, mas como relatos em segunda mão. Essas passagens estão recheadas de frases como «algumas pessoas dizem» ou «os locais afirmam». Heródoto não acreditava em tudo o que ouvia, e também não esperava que o seu público o fizesse.

Uma dose saudável de leitura crítica, contudo, não teria servido de muito para acalmar a ira de Plutarco. Ele tinha uma razão mais profunda para desconfiar de Heródoto. Fundamentalmente, ele julgava que as *Histórias* eram demasiado imparciais a favor dos persas, e excessivamente positivas na sua representação dos não gregos. Heródoto, de acordo com Plutarco, era claramente um *philobarbaros* (um amigo dos bárbaros) e nunca se poderia confiar em nada do que ele escrevera. Igualmente problemática era a propensão de Heródoto para criticar os gregos, pois, embora ele descrevesse a loucura sanguinária do persa Cambises e a crueldade arrogante de Xerxes,³⁸ ele também escreveu sobre as ambições egoístas do nobre milésio Aristágoras e a cobiça do general ateniense Temístocles.³⁹ Para o patriota Plutarco, que vivia numa Grécia que havia sido reduzida a uma província do Império Romano, isto era uma afronta ao seu ideal nostálgico do helenismo.

Quem era, então, Heródoto na verdade — o Pai da História ou o Pai das Mentiras? Seria ele um fantasista, um apologista dos bárbaros e um habilidoso deturpador de histórias fabulosas? Ou seria um inovador científico, ampliando os limites do conhecimento humano ao reconceptualizar a relação humana com o passado? Talvez o mais importante para nós neste livro seja: terá ele formulado uma visão precoce do proto-Occidente que serve de base à nossa moderna ideia do Occidente? Será que Heródoto nos deu o modelo para a grande narrativa da Civilização Occidental? A resposta a estas perguntas encontra-se algures entre a história de vida do Heródoto humano e os textos literários do Heródoto historiador. Contudo, apesar de toda a riqueza

das biografias que ele escreve nas *Histórias*, sabemos frustrantemente pouco sobre a vida do seu autor.

Sabemos que Heródoto nasceu em meados do século v a. C. em Halicarnasso, no litoral egeu daquilo que é agora a Turquia. Embora Halicarnasso fosse oficialmente uma *polis* grega (cidade-estado), tinha uma população mista e também celebrava uma tradição anatólia indígena.⁴⁰ A própria família de Heródoto oferece uma ilustração da miscigenação cultural da cidade. O nome «Heródoto» é grego, tal como o nome da sua mãe, Drio. Contudo, vários membros da sua família tinham nomes derivados da língua anatólia cariana, incluindo o pai de Heródoto, Lixes, e o seu primo, o poeta Paniáassis.⁴¹

Quando jovem, Heródoto poderá ter estado mais interessado em política do que em história. Teve algum tipo de desentendimento com Ligdamis, o líder hereditário da cidade,⁴² e foi forçado a fugir para a ilha vizinha de Samos. Em algum momento, Heródoto regressou, envolveu-se no golpe que derrubou Ligdamis e apoiou o estabelecimento de um novo regime na cidade. Contudo, pouco tempo depois foi novamente forçado a sair — desta vez pela fúria da multidão pró-Ligdamiana. Nos anos que se seguiram, Heródoto parece ter feito bom proveito do seu exílio, viajando bastante pelo mundo antigo.⁴³ Espalhadas ao longo das *Histórias* encontramos historietas pessoais e testemunhos oculares. Heródoto conta-nos que explorou as paisagens do Egito, navegando pelo Nilo até Elefantina; maravilhou-se com os portos movimentados e os mercados cosmopolitas da Tiro fenícia; e viu com os próprios olhos as decorações dos templos da Babilónia. Se dermos crédito aos seus escritos, Heródoto teria sido um cansativo companheiro de viagem — interrogando guias turísticos em busca de informações, regateando com vendedores de rua e importunando toda a gente, desde dignitários locais a humildes vendedores de água, para ouvir as suas histórias. Talvez sem surpresa, os seus escritos também demonstram uma íntima familiaridade com a Anatólia, incluindo não só as suas costas egeias, a oeste, como também as regiões a norte, que fazem fronteira com o Mar Negro e a área do Helesponto. No território continental grego, parece ter conhecimento em primeira mão de várias áreas, incluindo Esparta, Delfos e Beócia, bem como, claro, Atenas.

O mundo grego pode ter sido politicamente fragmentado em meados do século v a. C., mas Atenas era a sua capital cultural incontestável.⁴⁴ Esta era a época do estadista Péricles e do filósofo Sócrates, do escultor Fídias e do dramaturgo Eurípides. A cidade era o lar de intelectuais cosmopolitas e radicais políticos, cortesãs célebres e *playboys* milionários. As cidades fervilhavam com comerciantes vindos de três continentes, os templos estavam

lotados com peregrinos, e artesãos vinham de longe para trabalhar nos novos edifícios luxuosos da Acrópole. Tal como na Viena no *fin-de-siècle*, em Nova Iorque nos loucos Anos 20 ou em Londres nos *Swinging Sixties*, Atenas no século v a. C. era um íman para os criativos e os ambiciosos. Para Heródoto, deve ter sido irresistível.

Quando chegou à grande metrópole, Heródoto parece ter-se integrado rapidamente no meio literário, desenvolvendo uma amizade particularmente estreita com o autor de tragédias Sófocles.⁴⁵ Sabemos que Heródoto organizou várias leituras públicas das suas obras, aparentemente recebendo a soma surpreendente de dez talentos por uma atuação especialmente bem-sucedida (para contextualizar, à época, um único talento cobriria o pagamento mensal de toda a tripulação de um trirreme da marinha ateniense).⁴⁶ Contudo, apesar de todo o seu sucesso, ele saiu de Atenas poucos anos depois, deixando os novos amigos e abandonando a sua carreira em ascensão. E isto leva-o ao ponto em que pela primeira vez o encontrámos no início deste capítulo — de pé, nas margens do Golfo de Tarento, no sul de Itália, preparando-se para construir o seu último lar em Túrio.

O que levou Heródoto a deixar Atenas, abandonando os seus sonhos de fama e fortuna na grande cidade? Porque foi que ele — quando se poderia dizer que «tinha tudo» — de repente desistiu de tudo e emigrou mais uma vez? É claro que toda uma série de fatores pessoais pode ter influenciado a sua decisão. Mas a política ateniense provavelmente também fez parte da equação — uma nova política radical assente no império, na xenofobia e na invenção de uma narrativa que se assemelha um pouco à da Civilização Ocidental.

A CONFIGURAÇÃO DO MUNDO

O moderno estado-nação da Grécia tem agora mais de duzentos anos e pode orgulhar-se de uma história rica e colorida.⁴⁷ Contudo, a Grécia moderna não é o mesmo que a Grécia antiga.⁴⁸ Na época em que Heródoto viveu e escreveu, no século v a. C., os gregos não se encontravam unidos num único estado ou nação. Em vez disso, o mundo grego era composto por centenas de *poleis* (cidades-estado) e microterritórios, cada um com o seu governo independente.⁴⁹ Estes estados eram em geral ferozmente independentes e tinham fortes identidades individuais, com muitos gregos a considerar-se primordialmente como atenienses, coríntios, espartanos e assim por diante. Por vezes, grupos de estados gregos reuniam-se em alianças regionais ou uniões federais, mas

geralmente mantinham as suas identidades individuais dentro delas.⁵⁰ Foi só com as conquistas de Alexandre da Macedónia, cerca de cem anos depois da época de Heródoto, que grandes quantidades de gregos em amplas áreas de território foram submetidos a um único governo grego (embora muitos na época questionassem quão «gregos» os seus governantes macedónios verdadeiramente eram).⁵¹ Mas nem mesmo este mega-estado grego incorporava os gregos do Mar Negro, nem os do Mediterrâneo central e ocidental.

Além de serem politicamente fragmentados, os gregos da época de Heródoto também se encontravam geograficamente dispersos. No final do século v a. C. havia *poleis* gregas espalhadas pelo Mediterrâneo e pelo Mar Negro, da Espanha ao Chipre e da Líbia à Crimeia. Vestígios das suas comunidades podem ser encontrados hoje em Marselha, em França, e Naucratis, no Egito, ao longo da costa mediterrânica da Turquia, de Adana a Istambul, e circundando o Mar Negro, de Poti, na Geórgia, até Sozopol, na Bulgária.⁵²

Podemos certamente perguntar-nos o que unia estas diversas comunidades, uma vez que eram politicamente independentes e geograficamente dispersas. Mesmo comentadores antigos discordavam sobre quem e o quê era grego. Segundo Demóstenes, os macedónios não eram verdadeiros gregos, mas também não o eram os atenienses, na opinião de Heródoto, porque descenderiam de «bárbaros» não gregos.⁵³ Para complicar ainda mais a questão, os antigos gregos, na verdade, nunca se chamaram «gregos». O termo foi cunhado pelos romanos, que usaram a palavra latina *Graeci* para os referir como um coletivo. Em vez disso, os gregos usavam a palavra *Hellenes*, referindo-se a si mesmos como os descendentes da figura mítica de Heleno (que não deve ser confundido com Helena; o primeiro era o lendário antepassado dos antigos gregos, a segunda era a mulher no cerne da Guerra de Troia).

A autodefinição dos helenos é, portanto, genealógica — ligada à ideia de uma história e de um antepassado partilhados. Devemos, contudo, ser cautelosos para não pensar na «grecidade» como uma forma de etnicidade no sentido moderno do termo. Os antigos helenos não eram um grupo étnico coeso, separado de outros grupos étnicos por uma fronteira clara. Para os antigos gregos, as genealogias eram uma forma de unir pessoas, com origens plurais incorporadas na sua estrutura fundamental.⁵⁴ Os mitos sobre uma linhagem helénica partilhada eram, pois, combinados com reivindicações de genealogias não helénicas alternativas. O povo de Tebas, por exemplo, citava o herói fenício Cadmo como seu fundador cívico. Os argivos afirmavam ser descendentes das filhas do rei egípcio Dánao. Os arcádios e os atenienses faziam ambos a afirmação um pouco estranha de que eram autóctones — nascidos da própria terra que habitavam. Alguns gregos afirmavam que partilhavam

antepassados com os persas, os judeus e os romanos. Não devemos interpretar estas genealogias literalmente (nem devemos supor que os antigos gregos necessariamente o fizessem). Como todos os mitos de fundação, estas eram declarações deliberadas de identidade e afiliação, moldadas por um ideal do que as pessoas queriam ser tanto quanto pelo que elas realmente eram. Ainda assim, estas genealogias contam-nos algo sobre a mentalidade dos antigos gregos. Embora a ideia de partilhar uma linhagem helénica comum fosse certamente importante, poucos dos antigos gregos consideravam essa linhagem como sendo pura.⁵⁵

Algo que também unia as *poleis* gregas, talvez ainda mais do que a linhagem helénica imaginada, era a consciência de uma cultura comum. Havia a língua e o alfabeto gregos, bem como as tradições literárias que lhes estavam associadas e um rico conjunto de mitos e histórias partilhados. Havia a estrutura do politeísmo olímpico, envolvendo formas semelhantes de rituais religiosos e práticas de culto de cidade para cidade, isto sem mencionar ideias semelhantes sobre aquilo em que consistia um templo de aparência adequada. E havia costumes e padrões de vida quotidiana partilhados, com ideias surpreendentemente semelhantes acerca de assuntos tão diversos como a composição da família nuclear, regras sociais, normas educacionais, tradições arquitetónicas e práticas de trabalho artesanal. Ser grego consistia grandemente em fazer coisas gregas de uma maneira grega. Como observou o orador Isócrates no século IV a. C., «o nome heleno é aplicado àqueles que compartilham a nossa cultura, ao invés daqueles que compartilham um sangue comum» (*Panegyricus* 4:50). O próprio Heródoto formulou a identidade grega (*To Hellenikōn*) como sendo parcialmente definida pelo sangue, mas igualmente pela «língua compartilhada, templos e sacrifícios aos deuses comuns, e estilos de vida compartilhados» (8.144).⁵⁶

Havia evidentemente tradições locais dentro desta cultura grega mais ampla.⁵⁷ Num mundo grego tão disperso e diverso, como poderia não haver? Enquanto a mulher ideal em Atenas era recatada e ficava em casa na maior parte do tempo, a sua contraparte espartana era uma atleta ao ar livre. Enquanto as pessoas em Clazómenas enterravam os seus mortos individualmente em sarcófagos de terracota lindamente pintados, em Corinto enterravam-nos em túmulos coletivos escavados na rocha.⁵⁸ E enquanto na Sicília a deusa Artemisa era adorada como uma jovem núbil pronta para o casamento, em Éfeso ela aparecia como uma poderosa dona de animais, com testículos de touro cortados pendurados ao pescoço.⁵⁹ Muitas destas variações locais tinham origem no contacto com culturas não gregas. Já vimos como os indígenas anatólios eram uma parte integrante da *polis* grega em Halicarnasso,

mas níveis semelhantes de interculturalismo aparecem por todo o mundo grego. Em Pithekoussai, na Baía de Nápoles, traços culturais gregos podiam ser encontrados ao lado de elementos fenícios, etruscos e outros elementos itálicos.⁶⁰ E em Náucratis, gregos originários de uma ampla gama de cidades conviviam com egípcios, líbios e árabes.⁶¹ Estilos, práticas e identidades hibridizadas surgiram e realimentaram o sentimento consciente de uniformidade cultural que estava no cerne da «grecidade».

Contudo, não podemos cair na armadilha de pensar que o mundo grego antigo era uma utopia de pluralismo cultural e étnico, com espaço para todos sob a ampla tenda do helenismo. O racismo e a xenofobia eram comuns, e pensadores tão eminentes como Aristóteles defendiam que era natural para os gregos escravizar os não gregos, devido à sua superioridade inata. Curiosamente, este complexo de superioridade não era estruturado numa noção de Ocidente *versus* Oriente. Em vez disso, Aristóteles sentia que o mundo grego era distinto tanto do Ocidente como do Oriente, superior à Europa e à Ásia. Ele defendia que «os povos dos lugares frios e ao redor da Europa são cheios de espírito, mas mais carentes de inteligência e habilidade; e assim resulta que eles são livres, mas politicamente desorganizados e incapazes de governar os seus vizinhos. Os da Ásia são inteligentes e hábeis de mente, mas sem espírito, e assim resulta que eles são dominados e escravizados. Mas a raça dos helenos, por estarem localizados no meio, recebem o melhor de ambos — e são simultaneamente corajosos e inteligentes».⁶²

As ideias dos antigos gregos sobre os continentes eram, evidentemente, diferentes das nossas. Também variavam. Nem todos concordavam com Aristóteles em que as terras que cercavam o Mediterrâneo e o Mar Negro (isto é, as terras habitadas por gregos) se situavam no espaço intermédio entre os continentes. Heródoto julgava que a própria ideia de se ter divisões continentais era ridícula, como veremos mais tarde.

Durante grande parte da história grega antiga, contudo, as divisões mais prementes não foram as que separavam os gregos dos não gregos, mas antes as que estabeleciam distinções entre os diferentes grupos gregos. Suspeito de que foi uma destas distinções que teve um profundo impacto na vida de Heródoto, compelindo-o a trocar Atenas pela relativa paz e tranquilidade de Túrio. Devido à versão da história que constitui a grande narrativa da Civilização Ocidental, quando pensamos em Atenas tendemos a imaginá-la como o berço da democracia, o lugar onde o governo do povo (*demokratia*) e a igualdade perante a lei (*isonomia*) tiveram início. Embora isso seja em parte certamente verdade, a realidade da democracia ateniense esteve bastante longe dos princípios modernos da democracia liberal que hoje associamos ao

Ocidente. Para começar, as mulheres eram excluídas, bem como os milhares de pessoas escravizadas de cujo trabalho a economia ateniense dependia.⁶³ Além disso, embora Atenas pudesse professar a igualdade para os seus cidadãos masculinos, certamente não o fazia para mais ninguém. Quer fossem gregos de outras cidades ou inteiramente não gregos, todos os não atenienses eram tratados como estrangeiros. A democracia ateniense clássica não era a instituição inclusiva e igualitária que por vezes se imagina. Em vez disso, era um clube exclusivo para homens, aberto apenas aos que nasciam nos tipos «certos» de famílias.

O dinamismo cultural de Atenas no século v a. C. não se baseava na igualdade política esclarecida, mas no imperialismo.⁶⁴ O império ateniense cresceu a partir da aliança dos estados gregos que tinham lutado contra os persas durante as guerras greco-persas. Atenas rapidamente reivindicou a liderança exclusiva desta aliança, aproveitando a simpatia sentida por outros gregos após o saque persa da sua cidade e a gratidão conquistada pela coragem ateniense nas batalhas de Maratona e Salamina. Mas a liderança de uma aliança rapidamente se transformou em controlo. Foram exigidos pagamentos anuais e os «aliados» desertores foram tratados impiedosamente. Aos que tinham sorte saqueavam-lhes as cidades, derrubavam-lhes as muralhas e exilavam ou executavam os seus políticos, impunham-lhes guarnições atenienses e instalavam governos-fantoches pró-atenienses. Os menos afortunados, como o estado insular de Melos, sofriam a punição derradeira — todos os homens adultos foram mortos e as mulheres e crianças vendidas como escravas.⁶⁵

Na cidade de Atenas, a opinião pública era triunfalista. Em 453 a. C., o estadista Péricles ergueu duas enormes inscrições de pedra na Acrópole, cada uma com quase quatro metros de altura, exibindo os montantes pagos em tributo por cada cidade a Atenas. Isto era a supremacia ateniense anunciada numa espécie de *outdoor*. Dois anos mais tarde, ele endureceu a lei da cidadania ateniense, restringindo-a àqueles que podiam reivindicar dois progenitores cidadãos (ao invés de apenas um, como era o caso anteriormente), de um só golpe privando de direitos muitas pessoas que haviam sido cidadãs durante toda a sua vida.⁶⁶

À medida que o século v a. C. avançava, o fosso entre os atenienses e os outros gregos ampliou-se. Os atenienses começaram a ver-se como diferentes, especiais e fundamentalmente melhores. Podemos observar isto na reorganização do principal festival religioso da cidade, a Panateneia. Enquanto os cidadãos atenienses desfrutavam do festival, os residentes estrangeiros eram obrigados a desempenhar papéis subordinados, servindo os atenienses como portadores de bandejas, carregadores de água, portadores de guarda-sóis e

de banquinhos.⁶⁷ No final do século, o dramaturgo Eurípides encenou uma peça que reinventava as origens atenienses. A mitologia tradicional afirmava que os atenienses descendiam dos autóctones de um lado e do herói Heleno do outro, tornando-os assim parte da família helénica mais ampla. Mas no *Ion*, Eurípides modificou a genealogia mítica ao substituir Heleno pelo deus Apolo, trocando a ascendência helénica dos atenienses por uma divina. Na obra de Eurípides, o excecionalismo ateniense não expressava apenas que eles eram melhores do que os outros gregos — significava que eles não eram sequer gregos.

Como é que Atenas podia fazer isto, escapando impune? Além do seu quase monopólio na força naval, Atenas embarcou numa campanha de propaganda agressiva para persuadir outros gregos de que a sua «aliança» com Atenas era necessária. Nenhum grego poderia dar-se ao luxo de baixar a guarda, argumentavam os atenienses, para que os malvados persas não retornassem. O domínio naval ateniense era necessário, afirmavam eles, para fornecer aos gregos proteção contra a sempre presente ameaça persa. Os propagandistas atenienses fomentavam o ódio aos persas, promovendo o estereótipo do bárbaro Oriental como efeminado, amante da luxúria e covarde, mas também traiçoeiro, enganador e astuto.⁶⁸ Em contraste, os gregos eram viris, resistentes e corajosos, honrados nas suas relações com os outros e frontais na sua busca pela liberdade pessoal. Encontramos estes estereótipos se pegarmos numa cópia dos discursos jurídicos de Isócrates, se assistirmos a uma encenação da emocionante tragédia de Ésquilo, *Os Persas*, ou se observarmos as centenas de vasos atenienses de figuras vermelhas que retratam guerreiros gregos a derrotar débeis oponentes persas. De acordo com este estereótipo, os persas eram inimigos dos gregos não apenas no presente como também ao longo da história. Os persas eram consistentemente apresentados junto com ou como troianos, fundindo o passado lendário e o presente contemporâneo da Ásia num só.⁶⁹ Foi a Atenas do século v a. C. que criou a retórica do «choque de civilizações», e fê-lo como uma ferramenta do imperialismo de gregos sobre gregos.

Se tudo isto soa familiar, é porque o ouviam antes. No Ocidente moderno é difícil evitar os estereótipos dos asiáticos efeminados, mas ardilosos, que aparecem esporadicamente na cultura popular. Vemo-los na literatura e na arte do imperialismo europeu, como foi notoriamente apontado por Edward Said (para mais informações, ver o Capítulo 13), mas também em filmes de Hollywood, romances de sucesso e caricaturas de jornal. Nos tempos modernos, esta imagem do «outro» não Ocidental é configurada na imagem invertida do Ocidental idealizado através de uma série de oposições conceptuais

— Ocidente *versus* Oriente, masculino *versus* feminino, forte *versus* fraco, corajoso *versus* covarde, pele clara *versus* pele escura. No Ocidente de hoje é uma retórica que permanece desconfortavelmente abaixo da superfície do discurso político aceitável, ocasionalmente borbulhando até à superfície. Na Atenas do século v a. C., este racismo era comum.

O meio do século v a. C. em Atenas é justamente visto como uma era dourada da cultura, literatura, arte e democracia. Contudo, estas realizações foram fruto de um império construído à custa de outros gregos e justificado através de propaganda racista que retratava os estrangeiros e os não gregos como perigosamente «outros» e que criava uma «marca» para Atenas como o epítome de uma «grecidade» idealizada.⁷⁰ Vivendo em Atenas, Heródoto deve ter estado perfeitamente ciente disso.⁷¹ O ambiente estava a tornar-se cada vez mais hostil. Assuntos nocivos como a pureza racial, a superioridade nacional e a exclusão dos migrantes dominavam agora a política ateniense. Deveria verdadeiramente surpreender-nos que alguém como Heródoto, um migrante bicultural da Ásia, já não se sentisse em casa? Deveria surpreender-nos que ele tenha mais uma vez partido sobre as ondas, encontrando repouso na praia italiana onde o encontrámos no início deste capítulo? E deveria surpreender-nos que, quando ele se sentou para escrever a sua obra-prima, a tenha concebido como uma espetacular resposta às ideologias que o haviam levado até ali?